

FATO OU FAKE?: O PAPEL DA REFERENCIAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE PONTOS DE VISTA EM *FAKE NEWS* E EM *FACT-CHECKING*

Maria Eduarda dos Santos Silva*
eduarda.ssilva@ufpe.br
Universidade Federal de Pernambuco

Suzana Leite Cortez**
suzana.cortez@ufpe.br
Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: O presente artigo tem como objetivo principal analisar a construção dos referentes em *fake news*, observando como eles atuam na apresentação de pontos de vista mobilizados pelos autores e, conseqüentemente, na orientação argumentativa dos textos. Para alcançar tal propósito, realiza-se uma análise documental de um exemplar de *fake news* e do seu respectivo texto de *fact-checking* sobre a vacinação contra a Covid-19, publicado na Agência Lupa entre os meses de janeiro e março de 2021. Como base teórica, apresenta-se a referenciação a partir das discussões empreendidas por Cavalcante (2005, 2013), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), Marcuschi (2004), Matos (2018), Mondada e Dubois (2019) e Silva e Custódio Filho (2013); a reflexão sobre ponto de vista advém dos estudos de Rabatel (2013, 2016) e Cortez (2011, 2013) e, por fim, desenvolve-se a argumentação no discurso por meio da leitura de Amossy (2020a, 2020b) e Cavalcante *et al.* (2020). Como resultado, constatou-se o diálogo estabelecido entre o locutor/enunciador primeiro e os demais enunciativos mobilizados, a fim de defender determinado ponto de vista e construir uma orientação argumentativa que guia a interpretação do interlocutor. No caso da *fake news*, com o objetivo de construir um efeito de verdade, o autor imputa dizeres às vozes de autoridade que insere no texto, mesmo que essas não assumam a responsabilidade enunciativa por esses pontos de vista. De modo distinto, o texto de *fact-checking* tem a preocupação de indicar a fonte do dizer, realizando citações diretas e mais contextualizadas.

Palavras-chave: referenciação; ponto de vista; argumentação; fake News; fact-checking.

* Mestranda em Letras - Linguística e graduada com láurea em Licenciatura em Letras - Português na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com intercâmbio acadêmico em Ciências da Linguagem na Universidade do Porto (UPorto - Portugal), sob o enquadramento de bolsista do Programa Mundi do Santander Universidades. Desde 2018, é integrante do grupo de pesquisa Grupo de Estudos do Texto (GESTO/CNPq), sob orientação da Profa. Dra. Suzana Cortez. Insere-se nos campos da Linguística Textual, das Teorias da Enunciação e da Análise Argumentativa do Discurso, pesquisando sobre referenciação, ponto de vista e argumentatividade em textos do campo jornalístico-midiático.

** Possui doutorado em Linguística pela UNICAMP (2011). É professora associada I do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade Federal de Pernambuco e líder do GESTO - Grupo de Estudos do Texto (CNPq/UFPE). É membro do grupo Protexito (CNPq/UFC). Coordenou o subprojeto "A leitura de linguagens diversas" (2014-2018; 2020-2022) do PIBID Letras Português UFPE/CAPES e foi editora responsável da Revista Investigações (PPGL/UFPE, 2018-2022). Esteve de licença maternidade de fevereiro a julho de 2023. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística textual, atuando principalmente nos seguintes temas: referenciação, argumentação em textos, ponto de vista, heterogeneidade enunciativa, formação de professores e ensino de língua portuguesa.

1 Considerações iniciais

Com o advento e a popularização da internet, observamos novas práticas de linguagem, influenciadas, por exemplo, pela rapidez e pela facilidade de comunicação propiciadas pelas redes sociais, como o *Facebook*, o *Twitter* e o *Instagram*, e pelos aplicativos de mensagens instantâneas, como o *WhatsApp* e o *Telegram*. Diante de novas necessidades comunicativas, podemos constatar ainda a exigência de os atores sociais produzirem e compreenderem os textos de maneiras distintas das que vinham sendo realizadas, ora dando origem a novas práticas linguageiras, ora adaptando as já existentes para o contexto das redes.

Uma prática de linguagem que tem sido associada a essa realidade digital é a da produção e recepção das chamadas *fake news*, que ganhou notoriedade em 2016, com o disparo em massa de informações falsas durante a eleição presidencial dos Estados Unidos. Segundo Morato (2019), as *fake news* foram inicialmente associadas aos gêneros textuais veiculados no meio jornalístico, sendo definidas como notícias falsas difundidas como se fossem verdadeiras. Contudo, atualmente, é possível enquadrar, nessa noção, gêneros diversos, como anúncios publicitários e comentários em redes sociais, de modo que cabe ampliar a definição e entendê-la enquanto uma prática de linguagem que abrange diversos gêneros textuais, cujo cerne está na divulgação intencional de informações falsas (Recuero; Gruzd, 2019). Outra questão que precisa ser pontuada é que as notícias falsas não se constituem como uma realidade nova, mas o termo *fake news* carrega uma concepção que se relaciona intrinsecamente com essa transmissão no meio digital.

Perante essa reflexão, surge o desafio de estudar essa prática de linguagem, a fim de compreender a sua construção e atuação nas interações humanas, sem prescindir de uma abordagem textual-discursiva, embora o contexto da pós-verdade que envolve tais informações falsas seja fundamental. Isso posto, destacamos que, como em outras práticas de linguagem, nas *fake news*, existem características linguísticas e sociocognitivas que embasam a produção e a interpretação de tais textos, as quais, conforme Morato (2019), colaboram para compreender como o fenômeno ocorre. Segundo a autora, pertencem a essas características: “ancoragem, foco, referência, intencionalidade, perspectivação conceitual, enquadramento comunicativo e social da experiência humana, ativação simultânea de processos cognitivos em jogo na atividade interpretativa etc.” (Morato, 2019, n. p.).

Diante dessa preocupação, sustentamos que é necessário investigar como se dá a (re)criação da realidade nesses textos por meio da análise dos processos de referência envolvidos na construção de pontos de vista. Assim, objetivamos analisar a referenciação em *fake news*, observando como a (re)construção dos referentes atuam na representação de pontos de vista. Tendo esse objetivo em vista, pretendemos analisar, em *fake news* e em textos de checagem de fatos (*fact-checking*), os principais processos referenciais e flagrar os pontos de vista que emergem na tessitura argumentativa desses textos.

2 A (re)elaboração da realidade na e pela linguagem

A questão da referência tem sido discutida por caminhos teóricos distintos. Conforme critica Marcuschi (2004), por meio de uma visão formal no campo da filosofia da linguagem (B. Russel, G. Frege, dentre outros), concebeu-se a relação entre as palavras e as coisas como direta e transparente, de modo que a língua serviria como um espelho de uma realidade acabada e dada, devendo ser adequada a essa realidade a fim de representá-la fielmente. Essa concepção vericondicional da referência defende a existência de uma forma correta de referenciar, correspondente a uma verdade linguística sobre as entidades no mundo, que pressupõe uma realidade previamente discretizada, independente das atividades comunicativas, dos contextos e dos sujeitos, desconsiderando aspectos cognitivos, sociais e históricos.

Tendo isso em vista, por meio de uma reconsideração da noção de referência, no âmbito do discurso, a Linguística textual (LT) defende há pouco mais de duas décadas o afastamento dessa concepção representacionista e referencialista (Marcuschi, 2004) entre a língua e o mundo, tanto na esfera da teoria quanto na análise de textos. Propomos, em contrapartida, uma aproximação a uma proposta ancorada nos princípios de “instabilidade do real, negociação dos interlocutores e natureza sociocognitiva da referência” (Cavalcante; Custódio Filho; Brito, 2014, p. 27). Conforme Cavalcante (2013), ao utilizarmos a linguagem, não estamos reproduzindo o mundo em nossos enunciados, mas recriando esse mundo, em conformidade com crenças, saberes, ideologias e vivências. E é nessa ação de “fabricar” a realidade (*cf.* Blikstein, 2009), realizada constantemente pelos falantes de uma língua, que elaboramos uma versão, por exemplo, de fatos, objetos e pessoas, de acordo com a situação de interação.

Assim, não nos referimos, simplesmente, à capacidade da mente humana de (re)criar objetos de discurso, em uma idealização de um sujeito soberano e isolado dos demais, sendo livre para produzir sentido a qualquer seleção lexical. O que defendemos, em verdade, é a ideia de uma capacidade cognitiva de elaboração de objetos de discurso mediada pelas relações sociais, no sentido de pensar uma intersubjetividade, ou seja, uma “subjetividade partilhada” (Cavalcante, 2013, p. 110) ou uma “cognição distribuída” (Marcuschi, 2004, p. 275). Desse modo, corroborando com o objetivo de Mondada e Dubois (2019, p. 20), propomos uma visão sobre os processos referenciais a partir de “uma pluralidade de atores situados que discretizam a língua e o mundo e dão sentido a eles, constituindo individualmente e socialmente as entidades”.

A partir desse posicionamento, a referenciação é vista como resultante de um processo de negociação direta e indireta entre esses sujeitos, que, ao participarem da atividade sociointeracional, negociam os sentidos construídos nos textos. Em síntese, tomamos o caminho em que a referenciação não se limita à língua em si ou ainda a uma realidade pronta, inerte e intangível, pois trazemos para o centro da reflexão a consideração das ações que os sujeitos realizam a fim de discretizar o mundo. A construção e a reconstrução do real ocorre, portanto, na e pela linguagem, por indivíduos situados social, cultural, política e historicamente, que moldam seus dizeres de acordo com a atividade interacional e visando a determinados objetivos comunicativos (Marcuschi, 2004).

Diante disso, importa considerar o aparato nocional em torno da teoria da referenciação que, no campo da LT, fundamenta nossa pesquisa: as noções de objetos de discurso, recategorização, processos referenciais (introdução, anáfora e dêixis), expressões e cadeias referenciais. Porém, é preciso considerar que os referentes não são construídos e recategorizados apenas por meio de expressões referenciais, tidas como estruturas linguísticas que vinculam formalmente os objetos no contexto, como alertam Cavalcante, Custódio Brito e Filho 2014. A ampliação dessa discussão vem sendo feita, como mostram Custódio Filho (2011) e Cavalcante *et alii.* (2020), de modo a considerar a multimodalidade e mesmo outras práticas comunicativas (como as que são produtivas nas redes sociais). Pensando no caráter dinâmico desse processo, a noção de referenciação orienta-se pelo entendimento de que: 1) a re(construção) dos referentes se dá por meios de natureza linguística ou não

e 2) a recategorização deve ser tomada como um processo não linear (Silva; Custódio Filho, 2013).

Assim, frisamos que encerrar o estudo da referenciação sem considerar esses aspectos é perder de vista o fato de que um referente pode ser recategorizado de forma mais dinâmica. De acordo com Silva e Custódio Filho (2013, p. 71), “a recategorização, mais que a manifestação, em uma expressão, de um processo em cadeia, é um processo textual-discursivo, passível de ser efetivado pelas idas e vindas do interlocutor no (con)texto”.

Com base nessa reflexão, alinhamo-nos aos estudos mais recentes no âmbito da LT (cf. Matos, 2018), nos quais amplia-se a perspectiva sobre as cadeias referenciais, considerando que os referentes de um texto se organizam em *redes referenciais*. Essa denominação advém da consolidação do que já preconizava Marcuschi (2004) sobre a organização dinâmica, negociada e não linear da referenciação. A noção de redes evidencia que os referentes não se encontram isolados em suas cadeias, mas constroem relações entre si e com elementos não presentes no cotexto, os quais mobilizam conhecimentos e relações de sentido que também atuam nos processos de recategorização dos objetos de discurso. De acordo com Matos (2018, p. 169),

tais redes são formadas por nódulos referenciais, ativados pelo contexto, estabelecendo uma série de associações de várias naturezas, funcionando como links, ou modos de conexões entre os referentes, os quais são todos interligados na construção e manutenção da coerência.

Em síntese, a construção dos objetos de discurso não se dá apenas por meio de cadeias referenciais, composta de elementos verbais, pois eles são (re)categorizados por diversas associações entre os elementos do cotexto e do contexto, a partir da negociação de sentidos. Considerando essa questão, defendemos, com base em Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 63), que “explorar a evolução dos referentes no texto/discurso é essencial” para compreendermos “como o tema progride e como o ponto de vista do locutor vai, aos poucos, se firmando” (Cavalcante; Custódio Filho; Brito, 2014, p. 63). Desse modo, a construção dos referentes no texto nos permite perceber não apenas o ponto de vista do autor, como também as vozes e os outros posicionamentos que ele mobiliza para alcançar o seu interlocutor e exercer influência sobre esse.

3 O gerenciamento de pontos de vista e a construção da orientação argumentativa nos textos

Diante do que abordamos, é preciso destacar que, ao promoverem a negociação de sentidos, com o objetivo de estabelecer a referenciação, os sujeitos envolvidos na atividade comunicativa se colocam nos textos, permitindo que se observem aspectos ideológicos, axiológicos, de crenças e de saberes que embasam a discretização. Em outras palavras, a referenciação se caracteriza como um modo de perspectivar a realidade e ainda de se posicionar perante ela. Esse último fato se dá porque a ação de referir não é neutra e muito menos toma para si apenas a função de discretizar o mundo. Ao invés disso, como viemos defendendo, essa ação (re)elabora e perspectiva a realidade, deixando-se ver um entrecruzamento das vozes de sujeitos que trabalham na construção dos referentes e que constroem no texto determinado caminho argumentativo (Cortez, 2011, 2013).

Segundo Cortez (2013, p. 296), “sempre haverá na narrativa e nos diferentes gêneros do discurso, uma perspectiva que guia a interpretação e a referenciação, isto é, um modo de enquadrar os fatos, apreendê-los e orientá-los argumentativamente”. Em outros termos, sempre haverá um ponto de vista que orienta a construção da referência, atuando na argumentatividade do texto. Assim, por meio da negociação de sentidos e da tomada de posição, “a depender do ponto de vista dos interlocutores, vamos construir os seres e objetos do mundo de uma ou outra forma” (Marcuschi, 2004, p. 269).

Na perspectiva que adotamos e mediante a reflexão realizada, todo processo de apreensão da realidade e construção de um referente revela, portanto, um ponto de vista (doravante PDV), advindo de sujeitos que denominamos enunciadores (os quais abordaremos mais adiante). Dessa maneira, é caro a um estudo dos processos referenciais pensar como a relação entre os enunciadores que são mobilizados em um texto colabora na discretização da realidade e na perspectivação de objetos de discurso, bem como analisar que efeitos de sentido essa heterogeneidade enunciativa provoca no texto. Assim, defendemos que o PDV é definido

pelos meios linguísticos pelos quais um sujeito considera um objeto, em todos os sentidos do termo considerar, quer o sujeito seja singular ou coletivo. Quanto ao objeto, ele pode corresponder a um objeto concreto, certamente, mas também a um personagem, uma situação, uma noção ou um acontecimento, porque, em todos os casos, trata-se de objetos de discurso.

O sujeito, responsável pela referenciação do objeto, exprime seu PDV, tanto diretamente, por comentários explícitos, como indiretamente, pela referenciação, isto é, pelas escolhas de seleção, de combinação, de atualização do material linguístico (Rabatel, 2016, p. 30).

Tal reflexão nos permite, por conseguinte, ao abordar o PDV nos estudos da referenciação, defini-lo a partir da observação de certos “mecanismos de expressão da subjetividade”, “em termos de posição enunciativa, ou como um conjunto de posições enunciativas que são postas em relação e podem ser investigadas pela maneira como o sujeito (locutor e/ou enunciador) apreende um objeto de discurso” (Cortez, 2013, p. 293). Sendo assim, para o nosso estudo, assumimos a abordagem enunciativa e pragmática dos pontos de vista, que se caracteriza como enunciativa, por considerar as instâncias enunciativas (locutor e enunciador), e como pragmática, porque as escolhas dos sujeitos operam na referenciação dos objetos, tomando os enunciados de forma situada e considerando a língua em uso.

De acordo com a teoria do PDV que embasa este trabalho (Rabatel, 2013, 2016; Cortez, 2011, 2013) e como veremos em nossa análise, “o locutor é sempre também o sujeito modal” (Rabatel, 2013, p. 23) do seu PDV, pois, ao assumir o que diz/percebe, é também enunciador. No entanto, nem todo enunciador é locutor, pois esse pode ter seu ponto de vista representado/enunciado por outro locutor que fala por ele. Assim, “o sujeito que representa um pdv nem sempre é a fonte enunciativa do dizer, porque não é necessariamente a instância que assume o conteúdo da fala ou percepção representada” (Cortez, 2011, p. 67), pois essa percepção é atribuída a outro enunciador.

Nessa ótica, quando o locutor e o enunciador estiverem em sincretismo, sendo a fonte de um PDV, PDV principal ou PDV do texto, utilizaremos, de acordo com Rabatel (2013) a notação L1/E1, para indicar a importância daquele que assume para si a responsabilidade pelo conteúdo proposicional do dizer e, conseqüentemente, por esse PDV principal. Esse locutor/enunciador primeiro é o responsável por gerenciar a cena discursiva, assumindo pontos de vista ou atribuindo a outros enunciadores, os quais denominamos de enunciadores segundos e marcaremos com letra minúscula, a fim de pontuar essa hierarquia entre enunciadores (e2, e3, e4 etc.).

À vista disso, é imprescindível destacar que os enunciadores segundos são apresentados e mobilizados pelo locutor/enunciador primeiro, que, ao gerenciar os PDVs, aproxima-se ou se distancia dos PDVs dos enunciadores conforme seu PDV, que é aquele que guia a interpretação do texto. Dessa forma, para construir o seu

PDV, tido como principal, L1/E1 convoca para o seu texto outros enunciadores, a partir da apresentação dos seus pontos de vista, para levar em conta¹, concordar ou discordar deles, evidenciando esse caráter dialógico da representação de pontos de vista (Rabatel, 2016).

Em outras palavras, o dialogismo na expressão do pdv consiste em dialogar sob o olhar do outro e sob seu próprio olhar, fazendo com que a manifestação da subjetividade se realize nesse diálogo de L1/E1 com ele mesmo e com os outros enunciadores (Cortez, 2011, p. 66-67).

Com isso, buscamos enfatizar a relação entre a referenciação e a construção do ponto de vista, corroborando, por conseguinte, a defesa de que “referir-se a um objeto é apontar para um enunciador, para seu lugar no discurso, assim como para o papel que seu PDV desempenha no discurso. Disto resulta o aspecto referencial da representação” (Cortez, 2011, p. 42). Dessa forma, ao apontar para um PDV, desvelamos também o diálogo estabelecido entre os enunciadores, bem como o papel da referenciação e do ponto de vista na orientação da interpretação do texto.

Diante do exposto, o PDV pode ser considerado uma forma de argumentação indireta, já que colabora para que se argumente por outros modos que não sejam os tradicionalmente argumentativos, conforme Rabatel (2016). A partir dessa consideração, os elementos que evidenciam a argumentatividade são também elementos ativados e atuantes em contextos de interação. Como pontua Cavalcante *et alii.*,

os expedientes argumentativos não são produtos expostos em prateleiras para serem escolhidos – eles advêm de escolhas retórico-discursivas, por isso, para nós, são sempre construções e reconstruções permanentemente negociadas pelos interlocutores em situações enunciativas particulares (Cavalcante *et alii.*, 2020, p. 22).

À vista disso, no caminho teórico da análise discursivo-textual da referenciação e enunciativo-interacional do PDV, compreendemos que ambos apresentam um papel significativo na construção da argumentação no discurso. De maneira semelhante à caracterização que realizamos a respeito dos processos referenciais e do PDV, a argumentação também passa a ser considerada no âmago de uma perspectiva dialógica, sendo definida como “os meios verbais que uma instância de locução utiliza

¹ Da expressão em língua francesa *prise en compte*, que, conforme Roulet (1981 *apud* Rabatel, 2016), corresponde a um PDV de outro enunciador que L1/E1 veicula em seu texto sem realizar juízo sobre sua veracidade. Em outras palavras, “quando L1/E1 leva em conta um ponto de vista de e2, isso significa que não o rejeita, sem, no entanto, aceitá-lo” (Rabatel, 2016, p. 94).

para agir sobre seus alocutários” (Amossy, 2020a, p. 47). Dessa forma, argumentar constitui-se como um tentar fazer o interlocutor “aderir a uma tese, modificar ou reforçar as representações e as opiniões que ela lhes oferece, ou simplesmente orientar suas maneiras de ver, ou de suscitar um questionamento sobre um dado problema” (Amossy, 2020a, p. 47).

Partindo das concepções teóricas propostas por Amossy (2020a), defendemos que a argumentação está presente em todos os textos – incluindo as *fake news* –, que, inseridos em um contexto de dialogismo, vão apresentar – mais ou menos explícita – uma argumentatividade que orientará a sua compreensão. Seguindo esse caminho, “a oposição problemática do argumentativo e do não argumentativo é substituída, então, pela concepção de um continuum que apresenta modalidades argumentativas diversas, de tal modo que a argumentação pode revestir-se de aspectos variados” (Amossy, 2020a, p. 43).

Dessarte, consideramos que alguns textos apresentam de modo consciente, a partir de “esquemas argumentativos identificáveis” (Amossy, 2020b, p. 73), o propósito de promover a adesão do seu auditório a uma tese. Em outros termos, esses textos são aqueles tradicionalmente classificados como argumentativos, pois apresentam o que Amossy (2020a) denomina de visada argumentativa. Como viemos elucidando, a argumentação é um componente substancial nos textos, contudo nem todos possuem a intenção evidente de persuasão e conquista de opinião, alguns apresentam a “simples transmissão de um ponto de vista sobre as coisas, que não pretende expressamente modificar as posições do alocutário” (Amossy, 2020a, p. 44). Nesses casos, afirmamos que os textos expressam uma dimensão argumentativa.

4 Análise dos processos referenciais em *fake news* e em textos de *fact-checking*

A partir da nossa breve revisão teórica, é possível compreender que os textos apresentam uma natureza interacional tanto externa, na relação que estabelecem com o contexto e com o interlocutor, quanto interna, a partir do diálogo entre os enunciadores mobilizados pelo locutor no próprio texto. Para exemplificar essa natureza, observemos a *fake news* disposta abaixo, publicada na página do *Facebook* Crítica Nacional, em janeiro de 2021, e intitulada “Vacina contra Covid pode afetar fertilidade masculina segundo estudo da Universidade de Miami”.

Quadro 1: *Fake news* “Vacina contra Covid pode afetar fertilidade masculina segundo estudo da Universidade de Miami”

Vacina Contra Covid Pode Afetar Fertilidade Masculina Segundo Estudo Da
Universidade De Miami

por angelica ca e paulo eneas

Pesquisadores da Universidade de Miami estão investigando os possíveis efeitos colaterais da vacina contra o coronavírus na fertilidade masculina e devido às incertezas em torno do tema estão aconselhando homens em idade reprodutiva a adotarem precauções antes de tomar a vacina.

Os pesquisadores têm recomendado aos homens passem por uma avaliação de fertilidade antes de receber a vacina contra a covid e que considerem a opção de fazer o congelamento de seus espermatozoides antes da vacinação para proteger sua fertilidade.

O pesquisador Dr. Ranjith Ramasamy, urologista reprodutivo da U-Health, iniciou um estudo anterior que descobriu que o vírus chinês permanecia presente nos testículos por até seis meses após a infecção. A descoberta levou sua equipe a questionar o efeito do vírus no esperma e na reprodução. Sua equipe também está analisando o impacto potencial da vacina.

“Estamos avaliando os parâmetros e a qualidade do esperma antes e depois da vacina. A partir da biologia da vacina contra a covid, acreditamos que ela não deve afetar a fertilidade, mas queremos fazer o estudo para garantir que o homem que deseja ter filhos no futuro possa estar seguro quanto à decisão de tomar a vacina”, afirmou Ramasamy.

Desde o início da pandemia do vírus chinês, a mídia veicula reportagens afirmando que o próprio vírus da covid poderia causar esterilidade nos homens, o que consistiu em uma estratégia de amedrontamento destinada a fazer com que os homens corresse e se vacinassem contra quando as vacinas estivessem disponíveis.

Por sua vez, o Dr. Alessandro Loiola observou em sua rede social na semana passada que a “na página 132 da bula vacina da Pfizer, o fabricante informa que não se deve ter sexo desprotegido até 28 dias após a 2ª dose devido ao risco de segurança reprodutiva”.

Além dos riscos para a fertilidade masculina, os testes realizados por diversos fabricantes não levaram em consideração os efeitos da vacina na gestação e no desenvolvimento de fetos e embriões, de modo que não informação disponível sobre os efeitos da vacina sobre fertilidade feminina. Informações de Local10, Christians For Truth, Clinical Trials e TigerDroppings.

Fonte: <https://archive.is/DHKm4>. Acesso em: 19 jan. 2022

Antes de desenvolvermos a análise dos principais referentes, é necessário destacar que compreendemos que essa *fake news* se apresenta por meio de um padrão sociorretórico semelhante ao de uma notícia, por isso, defendemos que, na análise das *fake news*, é possível adotar a nomenclatura do gênero a que mais se assemelha. Desse modo, entendemos ser precipitado definir *fake news* como gênero,

tendo em vista a necessidade de estudos mais completos e aprofundados sobre essas práticas de linguagem e sobre as formas pelas quais se apresentam.

Nesta notícia, constatamos que os principais objetos de discurso são a <vacina contra a Covid-19>, o <coronavírus> e os <possíveis efeitos colaterais da imunização para a fertilidade masculina>. Sobre o primeiro, verificamos que esse referente não sofre significativas alterações semânticas ao longo do texto, sendo referenciado como “vacina(s)” (e com algum adjunto, como “vacina contra a covid”) ou “vacinação”. Contudo, ainda que essas modificações na constituição da forma de referência do objeto não sejam expressivas, colaboram para que o referente esteja em evidência e possa ocorrer a progressão temática, com o acréscimo de outras informações relacionadas ao imunizante e ao seu efeito negativo sobre a fertilidade masculina no decorrer da *fake news*.

Assim, fazendo uso dessa evidência do objeto de discurso <vacina> e relacionando-se à sua construção, destacamos a ocorrência do objeto <efeitos da vacina contra Covid-19 na fertilidade masculina>, que é introduzido pela expressão “os possíveis efeitos colaterais da vacina contra o coronavírus na fertilidade masculina”. A partir dessa introdução, dois parâmetros guiam nossa análise: 1) a relação estabelecida com investigações em andamento atribuídas a pesquisadores da Universidade de Miami e 2) o teor de incerteza atrelado aos efeitos colaterais da vacina.

Dessa forma, L1/E1 traz para o seu texto um enunciador segundo, os pesquisadores da Universidade de Miami (e2), para dar credibilidade ao ponto de vista principal da *fake news*: o de que as vacinas contra o coronavírus podem ocasionar infertilidade em homens. São atribuídas a e2 ações que favorecem essa assertiva, como a investigação dos possíveis efeitos colaterais, mas também recomendações, como nos trechos “estão aconselhando homens em idade reprodutiva a adotarem precauções antes de tomar a vacina” e “têm recomendado aos homens passem por uma avaliação de fertilidade antes de receber a vacina contra a Covid e que considerem a opção de fazer o congelamento de seus espermatozoides antes da vacinação para proteger sua fertilidade”.

A partir dessas ações, ainda que não sejam confirmadas por e2, é imputado a esse o PDV que questiona a segurança dos imunizantes, de modo a corroborar o PDV principal, defendido por L1/E1 na *fake news*. Percebemos que L1/E1 não intenciona exprimir uma convicção sobre os efeitos adversos dos imunizantes, por essa razão, o

referente é retomado por outra expressão que indica algum grau de incerteza, “impacto potencial da vacina” – e, de maneira similar à introdução do objeto de discurso, também a anáfora é atribuída a e2, a fim de atestar a veracidade do que está sendo apresentado.

Dado que, quando o texto foi escrito, as pesquisas acerca da própria produção de vacinas ainda estavam incipientes, defendemos que, buscando construir um efeito de verdade dentro do que seria aceitável no contexto de uma notícia sobre efeitos adversos dos imunizantes, não seria coerente a L1/E1 apresentar a convicção de que as vacinas afetariam a fertilidade masculina. Em vista disso, L1/E1 seleciona um enunciador com autoridade científica para levar o interlocutor a duvidar da segurança do imunizante. Assim, leva o auditório a questionar o PDV imputado à mídia em geral (enunciador terceiro - e3) de que o vírus causaria esterilidade: “uma estratégia de amedrontamento destinada a fazer com que os homens corressem e se vacinassem contra quando as vacinas estivessem disponíveis”.

Esse terceiro enunciador (coletivo) carrega outro aspecto que exige atenção, pois, mesmo L1/E1 compondo o grupo denominado “mídia”, coloca-se em oposição a e3, que busca amedrontar os cidadãos a fim de que se vacinem a qualquer custo, conforme o autor da *fake news*. Assim, um novo referente que figura na notícia, <os possíveis efeitos da Covid-19 na fertilidade masculina>, não angaria destaque e é apresentado apenas para justificar uma atitude de e3, que L1/E1 representa de forma negativa para marcar distanciamento.

O PDV principal da *fake news* é assegurado ainda pela mobilização de outro enunciador, o Dr. Alessandro Loiola (I4/e4), ao qual é imputada a ação de observar na bula da vacina da Pfizer “que não se deve ter sexo desprotegido até 28 dias após a 2ª dose devido ao risco de segurança reprodutiva”, informação cuja responsabilidade é atribuída ao próprio fabricante (e5). Esse dado é veiculado no texto por L1/E1, justamente, para endossar o argumento de que é possível que as vacinas ocasionem infertilidade e, por esse motivo, é necessário suspeitar da segurança dos imunizantes e hesitar quanto à sua eficácia.

Por fim, destacamos a construção do referente <coronavírus>, introduzido pela expressão “vírus chinês”, o que evidencia um posicionamento mais alinhado à extrema direita política. Com essa introdução do objeto de discurso, L1/E1 se coloca em um lugar que, para além de associar o SARS-CoV-2 ao país em que os primeiros casos da Covid-19 foram constatados, ainda estabelece uma relação de

responsabilização da China pela origem do vírus. Esse processo referencial nos permite afirmar que, por vezes, a introdução referencial já é apresentada de forma marcada. Assim, a primeira menção ao referente pode “não ter apenas a função de apresentar um objeto, supostamente ‘isento’ de cargas significativas para além da sua identificação” (Silva; Custódio Filho, 2013, p. 72), visto que, por exemplo, “vírus chinês” já revela um ponto de vista que guia a escolha lexical.

Pela referenciação, destacamos que o autor da *fake news* utiliza o que Rabatel (2016, p. 101) classifica como ilha textual, isto é, o fenômeno em que “uma palavra, em certas condições, pode ser suficiente para remeter a um PDV, tão pouco que a palavra remete, nitidamente, a um enunciador e a um PDV claramente identificados por uma certa comunidade linguística”. Nesse caso, verificamos a mobilização de um enunciador que representa uma parcela mais conservadora da sociedade (e6), defensora de um saber construído e aceito como verdade incontestável de que a origem do vírus foi planejada, ocasionando a culpabilização da China e a desconfiança em relação aos imunizantes produzidos.

Na análise da *fake news*, é importante destacar que, ainda que gerencie vozes de autoridade para respaldar seu PDV, o autor não apresenta nenhuma fonte ou *link* que comprove as falas e os pontos de vista que imputa aos outros enunciadores. Essa natureza composicional é comumente distinta em textos que visam à comprovação da veracidade dos fatos, como é o caso dos *fact-checking*. Isso porque, apesar de o *link* não ser imprescindível, ele apresenta grande relevância nos textos no meio digital, pois atribui a esses o caráter hipertextual, o qual “repousa sobre a estrutura da hiperligação, que define o hipertexto como tecnologia produtora de informações, de enunciados e de percursos de sentido” (Paveau, 2020, p. 47). Desse modo, a presença de um *link* de direcionamento para o texto fonte atuaria de forma a assegurar a veracidade do dizer atribuído a outro, guiando a produção de sentidos.

É o que ocorre no texto de *fact-checking* abaixo, produzido pela Agência Lupa e publicado pela Folha UOL em janeiro de 2021, mesmo mês em que a notícia “Vacina contra Covid pode afetar fertilidade masculina segundo estudo da Universidade de Miami” foi veiculada pelo perfil “Crítica Nacional”.

Quadro 2: *Fact-checking* “Vacina contra Covid pode afetar fertilidade masculina segundo estudo da Universidade de Miami”

A informação analisada pela Lupa é falsa. Não há nenhum estudo completo que diga que a vacina pode afetar a fertilidade masculina. O único estudo já publicado pela Universidade
--

de Miami trata, na verdade, dos efeitos da Covid-19 na fertilidade masculina – e não da vacina. Em novembro de 2020, pesquisadores da instituição demonstraram que o SARS-CoV-2 pode infectar o tecido testicular em alguns homens infectados. A instituição iniciou pesquisa para averiguar o efeito da vacina, mas os testes ainda estão na fase de recrutamento.

Um dos coordenadores da pesquisa em andamento, o médico Ranjith Ramasamy, explica no próprio site da instituição que, com base no mecanismo pelo qual o mRNA atua, é improvável que as vacinas da Covid-19 tenham impacto na fertilidade masculina. “É por isso que estamos fazendo este estudo, para voltar e testar a segurança da vacina na fertilidade masculina para que possa educar e, possivelmente, tranquilizar o público”, disse o Dr. Ramasamy. O pesquisador reafirma que é importante que todos se vacinem contra o vírus.

O urologista Daniel Nassau, da Universidade de Miami, afirma que a proposta é avaliar a produção e a qualidade dos espermatozoides para homens que estão pensando em fertilidade no presente ou no futuro e que receberão a vacina. “Queremos ver se há alguma diminuição na produção ou qualidade do esperma. Vamos olhar uma amostra de sêmen antes de eles receberem a vacina e, em seguida, três e seis meses depois”. Os pesquisadores da Escola Miller preveem que terão pelo menos dados preliminares até o momento em que a maioria da população for capaz de tomar a vacina.

A pesquisa está sendo realizada porque o próprio instituto vem estudando o impacto da Covid-19 na fertilidade masculina. Em novembro de 2020, os pesquisadores publicaram um estudo que demonstra que o vírus pode afetar o tecido testicular — o que não comprova, contudo, que ele causa infertilidade. Essas descobertas, na verdade, podem ser um primeiro passo para descobrir o impacto potencial do novo coronavírus na fertilidade masculina e se o SARS-CoV-2 pode ser transmitido sexualmente.

Em dezembro de 2020, a Lupa verificou conteúdo similar. Circulou nas redes sociais a informação de que a vacina da Covid-19 causaria infertilidade em mulheres. O post afirmava que o imunizante continha uma proteína chamada sincitina-1, vital para a formação da placenta humana em mulheres. “Se a vacina funcionar de modo a formarmos uma resposta imunológica contra a proteína spike, também estaremos treinando o corpo feminino para atacar a sincitina-1, o que pode levar à infertilidade em mulheres por um período não especificado”. O boato foi desmentido.

Fonte: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2021/01/05/verificamos-estudo-vacina-fertilidade/>. Acesso em: 19 jan. 2022.

No texto de *fact-checking*, podemos observar que os principais referentes são mantidos, visto que a produção textual funciona como uma resposta direta à *fake news*. Logo, figuram na checagem os referentes <vacina contra Covid-19>, <coronavírus> e <os possíveis efeitos colaterais da imunização na fertilidade masculina>, além de <efeitos da Covid-19 na fertilidade masculina>. Constatamos um destaque significativo a esse último, que já havia sido apresentado na *fake news*, mas como um dizer atribuído à mídia e com o qual o autor da notícia falsa não concordava.

Assim, já no início do texto, L1/E1 do texto da *fact-checking* defende o PDV principal de que “não há nenhum estudo completo que diga que a vacina pode afetar a fertilidade masculina” e ainda expõe que as pesquisas desenvolvidas pela

Universidade de Miami dizem respeito ao referente, de algum modo, silenciado na *fake news*, evidenciando que os efeitos na fertilidade masculina seriam advindos, na verdade, da Covid-19. Dessa forma, a questão do risco à fertilidade masculina permanece no *fact-checking*, contudo ocorrendo a alteração do agente causador: na *fake news*, esse risco é atribuído à vacina e, na checagem, refere-se ao próprio vírus.

Em vista disso, aos pesquisadores da Universidade de Miami (e2), que também figuram como um enunciador segundo na checagem, são imputadas ações distintas das que foram atribuídas na notícia falsa. Os dados apresentados pelo *fact-checking* são voltados primordialmente ao estudo sobre o coronavírus, como a demonstração de “que o SARS-CoV-2 pode infectar o tecido testicular em alguns homens infectados”, e a um estudo muito inicial sobre a possibilidade da vacinação também afetar a fertilidade masculina, mas sem conclusões, pois, no momento, não havia avançado para a fase de recrutamento de indivíduos para testes. Portanto, em comparação com a mobilização realizada na *fake news*, L1/E1 atua na modificação do PDV que imputa a e2.

Sobre os outros referentes que estão presentes na *fake news* e no *fact-checking*, em relação à <vacina contra Covid-19>, de forma semelhante à notícia falsa, na checagem, não verificamos significativas alterações nas expressões utilizadas para introduzir e retomar o objeto de discurso. Contudo, outros elementos presentes no texto – como a afirmação de que “é improvável que as vacinas da Covid-19 tenham impacto na fertilidade masculina”, o PDV dos pesquisadores favorável à vacinação e a presença de *links* que confirmam as informações apresentadas – atuam na construção do objeto de discurso. Por isso, ainda que não sejam expressões linguísticas utilizadas na cadeia referencial, a vacina é representada de forma mais positiva no texto de checagem de informações do que a vista na *fake news*.

Isso ocorre porque, como pontuado nos parágrafos acima, não é atrelada a ela a possibilidade latente de esterilidade masculina. Assim, L1/E1 empreende uma orientação argumentativa que não critica a vacinação, defendendo e trazendo argumentos para justificar que a informação analisada na notícia “Vacina contra Covid pode afetar fertilidade masculina segundo estudo da Universidade de Miami” é falsa. De todo modo, podemos afirmar que há um processo de recategorização do objeto de discurso, visto que “a menor ou maior desestabilização da categoria em mudança é o próprio traço, explícito ou implícito, que define a recategorização de um referente” (Cavalcante, 2005, p. 132)

No que tange ao referente <coronavírus>, enquanto a *fake news* apresenta uma forma de referência marcada por um teor preconceituoso, o *fact-checking* busca representar com uma forma referencial mais científica, utilizando o termo “SARS-CoV-2”, ou “vírus” e “novo coronavírus” para construir os referentes. Apesar de estabelecer um caráter mais imparcial, a própria escolha de “SARS-CoV-2” implica uma não neutralidade em resposta à *fake news*, um posicionamento favorável ao conhecimento científico e contrário ao negacionismo e ao obscurantismo frente aos dados sobre a vacinação. Nesse sentido, L1/E1 da checagem advoga por um PDV que defende o teor científico em torno das informações a serem divulgadas sobre o vírus e sobre a pandemia, mobilizando no discurso um enunciador terceiro (e3) que representa a voz da ciência.

Diante da análise realizada da *fake news* “Vacina contra Covid pode afetar fertilidade masculina segundo estudo da Universidade de Miami” e do seu *fact-checking*, somos capazes de afirmar que nem sempre a informação apresentada por uma notícia falsa será totalmente mentirosa. Isso porque, como pode ser constatado a partir da leitura dos textos acima, por vezes, uma parte da informação existe – como o estudo finalizado sobre os efeitos da Covid-19 na fertilidade masculina e o início de uma pesquisa sobre os efeitos da vacinação nesse quesito –, mas é alterada – e o dado original se torna um estudo sobre os efeitos dos imunizantes na esterilidade de homens. Essa ação de alteração e reconstrução dos objetos de discurso e, conseqüentemente, do sentido ocorre com o objetivo de compor o projeto de dizer de L1/E1 na notícia falsa. Ao mesmo tempo, funciona como argumento para a defesa do PDV principal e da orientação argumentativa do texto, buscando persuadir o auditório com a informação dita “verdadeira”.

5 Considerações finais

Ao longo da análise, almejamos refletir sobre a construção de objetos de discurso em uma prática languageira fortemente influenciada pela popularização da internet e pelo avanço das redes sociais e dos aplicativos de mensagens instantâneas. Assim, buscamos verificar como ocorrem os processos referenciais nessas práticas e relacioná-los à representação do ponto de vista principal e à argumentatividade do texto, a fim de compreender com mais detalhes a natureza linguística e sociocognitiva das *fake news*.

A partir desse esforço, constatamos o diálogo estabelecido entre o locutor/enunciador primeiro (L1/E1) e os demais enunciadores mobilizados na *fake news*, com a intenção de defender determinado ponto de vista – o PDV principal, de responsabilidade de L1/E1 – e construir uma dada orientação argumentativa, que guia a interpretação do interlocutor de acordo com o propósito discursivo do autor. Dessarte, verificamos que, com o objetivo de estabelecer um efeito de objetividade e, logo, de verdade, o L1/E1 insere na *fake news* vozes de autoridade, de modo similar ao que ocorre em uma notícia, em que há a necessidade de se comprovar a veracidade das informações.

No entanto, há pontos de distinção entre o *fact-checking* e a *fake news*, pois nessa vemos de forma mais explícita 1) a imputação de dizeres e PDVs que não foram necessariamente proferidos e assumidos pelos enunciadores segundos e 2) a realização de recortes e omissões, apresentando apenas trechos que fortalecem o propósito comunicativo de L1/E1 de levar o auditório a acreditar naquela informação falsa. Pelas análises, podemos afirmar que “é, então, na forma de convocar fatos, dizeres, discursos outros, e na forma de organizá-los textualmente, que se exerceria a responsabilidade do escritor”, ainda que consideremos que “uma parte da retórica lhe escapa, pois ela está implicada nisto que as palavras, os dizeres, as lembranças evocam em cada leitor, e diferentemente de um a outro” (Moirand, 2006 *apud* Cortez, 2011, p. 73).

Todavia, temos ciência de que não encerramos todas as possibilidades de reflexão sobre os conteúdos teóricos mobilizados – referência, ponto de vista e argumentação – na análise do fenômeno da *fake news*. Assim, neste momento, destacamos a necessidade de mais estudos que se dediquem a: i) investigar as formas de apresentação das *fake news*; ii) discutir sobre a noção de gêneros textuais nessas práticas languageiras; iii) analisar os processos referenciais mais produtivos; e iv) compreender que estratégias retóricas são utilizadas para guiar o interlocutor a não questionar a veracidade dos dados. Por essa razão, esperamos que esta reflexão inicial se desdobre em trabalhos futuros e possa ainda suscitar e ampliar outras discussões a respeito desses e de outros textos advindos ou modificados pela expansão do meio digital.

FACT OR FAKE?: THE ROLE OF REFERENTIATION IN THE CONSTRUCTION OF POINTS OF VIEW IN FAKE NEWS AND FACT-CHECKING

Abstract: The main objective of this article is to analyse the construction of referents in fake news, observing how they act in the presentation of points of view mobilized by the authors and, consequently, in the argumentative orientation of the texts. To achieve this purpose, a documentary analysis is carried out of a fake news and its respective fact-checking on vaccination against Covid-19, published in Agência Lupa between the months of January and March 2021. How theoretical basis, the referentiation is presented based on the discussions undertaken by Cavalcante (2005, 2013), Cavalcante, Custódio Filho and Brito (2014), Marcuschi (2004), Matos (2018), Mondada and Dubois (2019) and Silva and Custódio Filho (2013); the reflection on point of view comes from the studies of Rabatel, (2013, 2016) and Cortez (2011, 2013) and, finally, the argumentation in the speech is developed through the reading of Amossy (2020a, 2020b) and Cavalcante et al. (2020). As a result, there was a dialogue established between the first speaker/enunciator and the other enunciators mobilized, to defend a certain point of view and build an argumentative orientation that guides the interlocutor's interpretation. In the case of fake news, with the aim of creating an effect of truth, the author attributes utterances to the voices of authority that he inserts into the text, even if they do not assume enunciative responsibility for these points of view. In a different way, the fact-checking is concerned with indicating the source of the utterances, making direct and more contextualized quotes.

Keywords: referencing; point of view; argumentation; fake news; fact-checking.

Referências

AMOSSY, Ruth. *A argumentação no discurso*. Coordenação da equipe de tradução Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira. São Paulo: Contexto, 2020a.

AMOSSY, Ruth. A dimensão argumentativa do discurso: questões teóricas e práticas. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza (Org.). *Texto, Discurso e Argumentação*: traduções. Campinas: Pontes Editores, 2020b. p. 71-96.

BLIKSTEIN, Izidoro. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. 5. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2009.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Anáfora e dêixis: quando as retas se encontram. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 125-149.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2013.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza Angélica Paiva. *Coerência, referenciação e ensino*. São Paulo: Cortez, 2014.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CARVALHO, Ana Paula Lima de; SILVA, Ananias Agostinho da; DUARTE, Antonio Lailton Moraes; PINHEIRO, Carlos Eduardo Silva; LIMA, Isabel Muniz; FERNANDES, Jessica Oliveira; BARROS, Joyce Maia de; SOARES, Maiara Sousa; FARIA, Maria da Graça dos Santos; BRITO, Mariza Angélica Paiva; MARTINS, Mayara Arruda; MACEDO, Patrícia Sousa

Almeida de; OLIVEIRA, Rafael Lima de; PINTO, Rosalice; CORTEZ, Suzana Leite; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. *Linguística textual e argumentação*. Campinas: Pontes Editora, 2020.

CORTEZ, Suzana Leite. *A construção textual-discursiva do ponto de vista = vozes, referência e formas nominais*. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2011.

CORTEZ, Suzana Leite. A representação de pontos de vista em reportagens de revista feminina. In: EMEDIATO, Wander (Org.). *A construção da opinião na mídia*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013. p. 293-315.

MATOS, Janaica Gomes. *As redes referenciais na construção de notas jornalísticas*. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O léxico: lista, rede ou cognição social? In: NEGRI, Lígia; FOLTRAN, Maria José; OLIVEIRA, Roberta Pires de (Org.). *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 263-284.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção de objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referência. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernardete Biasi; CIULLA, Alena (Orgs.). *Referência*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2019. p. 17-52.

MORATO, Edwiges Maria. A construção textual das fake news: faltar a verdade equivale a mentir? *ABRALIN em cena*, 14, 2019, Campinas. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=40Zaaf_IqW. Acesso em: 24 ago. 2020.

PAVEAU, Marie-Anne. Discursos e links. Hipertextualidade, tecnodiscursividade, escrita. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva (Orgs.). *Texto, discurso e argumentação: traduções*. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 41-70.

RABATEL, Alain. O papel do enunciador na construção interacional dos pontos de vista. In: EMEDIATO, Wander (Org.). *A construção da opinião na mídia*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013. p. 19-66.

RABATEL, Alain. *Homo narrans: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa*. Tradução Maria das Graças Soares Rodrigues, Luis Passeggi e João Gomes da Silva Neto. São Paulo: Cortez, 2016.

RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatoliy. Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter. *Galaxia*, São Paulo, n. 41, p. 31-47, mai./ago. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542019239035>.

SILVA, Franklin Oliveira; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. O caráter não linear da recategorização referencial. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; LIMA, Silvana

Maria Calixto de (Orgs.). *Referenciação: teoria e prática*. São Paulo: Cortez, 2013. p. 59-85.

Recebido em 30/11/2023

Aceito em 02/05/2024

Publicado em 25/11/2024